

## ***MEU ENCONTRO COM ZÉ CÂNDIDO\****

---

**CARLOS ALBERTO MENEZES DIREITO\*\***

*Desembargador do Tribunal de  
Justiça do Rio de Janeiro*

Um desafio fascinante que a vida pública pôs ao meu alcance foi o exercício do cargo de Ministro da Educação e Cultura, durante o Governo do Presidente Ernesto Geisel. Ao lado das enormes dificuldades na gerência dos problemas da educação, o Ministério permitiu-me participar com o maior vigor do estímulo ao setor cultural, como prioridade para o fortalecimento do país. Sem cultura as nações perdem a história.

Um primeiro passo relevante foi a elaboração de uma política nacional de cultura fixando os objetivos centrais do Ministério, assim o apoio e o incentivo às atividades culturais de indivíduos e grupos e o de zelar pelo patrimônio cultural da Nação. A minha preocupação maior sempre foi a de deixar muito claro que o Estado não dirige a cultura, mas sim contribui para criar um conjunto de circunstâncias favoráveis ao desenvolvimento da livre atividade criadora do homem. A ação do Ministério estava voltada, portanto, para a construção dos instrumentos que estimulassem os brasileiros num ambiente propício para a criação cultural no seu meio.

Com os olhos postos nesses objetivos foi que o Governo criou a Fundação Nacional de Arte - FUNARTE, o Conselho Nacional de Cinema - CONCINE, implantou o Conselho Nacional de Direito Autoral - CNDA e reformulou a Empresa Brasileira de Filmes EMBRAFILME.

A FUNARTE foi instalada em 1976 como um instrumento ágil para a realização dos objetivos fixados na Política Nacional de Cultura. Com a FUNARTE o Governo reuniu sob uma só estrutura de administração

---

\* Rio, 14/12/1993.

---

\*\* Ministro do Superior Tribunal de Justiça, a partir de 27/6/1996.

diversas atividades que permaneciam isoladas em órgãos sem nenhuma funcionalidade. Reunimos sob a FUNARTE todas as atividades culturais de apoio à música, às artes plásticas, à dança, aos museus, ao folclore.

Quando o Presidente Ernesto Geisel consultou-me sobre o nome para presidir a FUNARTE, não hesitei na indicação de José Cândido de Carvalho. Durante os estudos que fizemos no Ministério para a elaboração do projeto de lei criando a FUNARTE, ao lado de tantos companheiros queridos e leais, tratamos de dividir idéias sobre os protagonistas que seriam responsáveis pela condução da nova entidade governamental. Muitas foram as lembranças. Todas de pessoas do mais alto gabarito e competência reconhecida. Mas, dentre todas as lembranças um nome foi ganhando unanimidade: José Cândido de Carvalho.

Seus modos suaves, sua verve infalível, sua generosidade de julgamento dos próximos, sua alma limpa, seu gosto pela simplicidade, seu despojamento de pompa e circunstância, sua extraordinária capacidade de aglutinar pessoas, sua mansidão com a vida, tudo deixou-me cativo deste escritor notável, capaz de conversar sem cansar, despreocupado dos agrados obrigatórios ao Ministro, mas de tempero doce no encaminhamento dos assuntos. Depois da primeira conversa disse aos mais próximos que quando o Presidente perguntasse sobre o nome para a Presidência da FUNARTE indicaria o de José Cândido.

E assim fiz. E nunca me arrependi desta escolha benfazeja. Sempre com as dificuldades conhecidas de recursos financeiros, o nosso bom Zé Cândido nunca apresentou desespero para tocar os programas mais criativos, que marcaram época na vida cultural brasileira, alguns dos quais atravessam os tempos. Dizia-me o Zé Cândido que a cultura se faz com a cabeça e não com o bolso, ainda que o bolso seja necessário para alimentar a cabeça.

Com a habilidade histórica de Zé Cândido, a FUNARTE saltou a sua verba orçamentária em 150% de 1976 para 1977. Criou-se o Projeto

Pixinguinha que começou com 21 apresentações com dez elencos, estimulando a nossa música popular, atingindo um público de cerca de meio milhão de espectadores. Também o Projeto Universidade destinado a apoiar e incentivar as atividades culturais no meio universitário, abrangendo festivais, concursos, mostras, corais, conjuntos musicais, além de cursos e pesquisas nas áreas de teatro, folclore, música popular e erudita, e literatura, envolvendo, desde logo, vinte e uma universidades. Merece destaque, para que bem se tenha a dimensão do trabalho realizado pelo Ministério, com a presidência de Zé Cândido na FUNARTE, a Rede Nacional de Música Erudita, levada a dezoito Estados já em 1977, empregando noventa e seis artistas. Apoiou a FUNARTE, ainda, a implantação de núcleos de instrumentistas de corda, sopro e percussão, formando cerca de quinhentos jovens no primeiro estágio, além do incentivo para a conservação e fabricação de instrumentos de corda, bem como o apoio para a recuperação e divulgação de grandes peças de compositores nacionais, com partituras dos Séculos XVIII a XIX.

E o nosso Zé Cândido, na trabalhadeira exaustiva do dia-a-dia de um Ministério pesado era uma presença animadora, recebido sem audiência marcada, sabendo eu que a conversa com ele era para descobrir novos caminhos, com soluções bem engendradas, com amor à coisa pública. Seus telefonemas podiam interromper-me a qualquer hora para uma boa notícia, uma nova conquista. Certa vez, em plena reunião de orçamento para o próximo exercício, com a disputa de verbas pelos vários projetos que integravam a FUNARTE, espalhados por seus institutos, Zé Cândido, com toda a calma do mundo, senhor do tempo, disse docemente: a verba sai para todos não um dentre todos. E tudo se acalmou, de repente, indo por água abaixo o redemoinho das disputas, reunidos todos na fraternidade da cultura, como só o Zé Cândido sabia fazer.